Gênero, educação e literatura

Samarica Parteira – uma mulher no sertão de Luiz Gonzaga

Maria Claurênia Abreu de A. Silveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Samarica Parteira – uma mulher no sertão de Luiz Gonzaga

Maria Claurênia Abreu de A. Silveira

Dois aspectos distintos, mas não isolados, da obra de Luiz Gonzaga são postos em discussão neste artigo: a força de uma personagem feminina, a parteira, em uma época em que as crianças nasciam em casa, neste Nordeste brasileiro e a performance oral em que o rei do baião apresenta através da personagem denominada Samarica Parteira, usos, costumes e crenças referentes ao trabalho de parto e à hora do nascimento das crianças nesses sertões, no Brasil, revelando aspectos que fazem parte da memória popular nordestina.

O texto intitulado ‘Samarica parteira’ é apresentado, não como letra de uma música, mas como uma performance oral, com fundo musical, que Luiz Gonzaga, o ‘Rei do Baião’, gravou no LP intitulado *Sangue Nordestino* e em compacto, pela gravadora Odeon, no ano de 1974.

- Oi sertão!
- Ooi!
- Sertão d’Capitão Barbino! Sertão dos caba valente...
- E dos caba frouxo também.
- Já num tô dento.
- Ha, ha, ha... [risos]

- sertão das mulhé bonita...
- ôooopa
- ... e dos caba fei também ha, ha...

Luiz Gonzaga se inclui na história que conta e utiliza o codinome Lula, como é chamado, de maneira carinhosa, entre amigos. É o empregado do Capitão quem, entre outras atribuições, vai buscar a parteira quando a mulher do Capitão inicia o ‘trabalho de parto’. A sua fala dialogada expõe a relação homem/ mulher sertanejos, revelando como valores para o homem (a valentia, o poder) e para a mulher (a beleza).

Buscar a parteira – ação ainda viva na memória de muitos – em um tempo em que o nascimento era caso familiar, acontecendo na própria casa, com o auxílio de uma parteira, que estava sempre de sobreaviso, em uma época de difícil controle da natalidade constituía uma ação cotidiana para qualquer comunidade. Era a parteira, muitas vezes, a única presença para apoiar o trabalho de parto, na chegada de cada criança do lugar.

- Lula!
- Pronto, patrão.
- Monte na bestinha melada e risque. Vá ligeiro buscar Samarica parteira que Juvita já tá com dor de menino.

Pela ordem dada, observa-se, entre outras coisas que a senhora Marica já incorporou ao nome a sua atividade de ‘fazer’ partos. Pode-se dizer que a profissão identifica esta mulher. Samarica parteira assim é identificada pelas pessoas da região onde ela atua auxiliando as mulheres a trazerem seus filhos ao mundo. Revela o cotidiano de tantas parteiras no Nordeste que tiveram seu nome acrescido da atividade que a identifica. Denominação aproximada daquela mencionada em *Morte e vida Severina*, poema de João Cabral de Melo Neto, que se refere fortemente ao costume de anexar ao nome próprio a procedência referida pelo nome do pai ou da mãe, costume este também bastante recorrente nos dias atuais. Não parecem estranhos nomes como Geraldo de João de Fausto, indicando no nome do primeiro (Geraldo) o nome do pai (João) e do avô (Fausto) e Biu de Lindalva, nomeando este Severino como filho dessa mulher (Lindalva).

Esse hábito de incluir a profissão no nome pelo qual é chamado também ainda perdura, pelo menos no Nordeste brasileiro. João pintor, Antônio

marceneiro, Ana cabeleireira, Manoel eletricitista, homens e mulheres identificado(a)s pela profissão ou atividade que desempenham, pelo serviço que prestam à sua comunidade. A relação passa a se estabelecer através da referência criada pela presença profissional. Fica patente a força da profissão na vida de cada um, principalmente em locais onde um emprego é raro, em uma região onde para sobreviver grande parte da população emigra para os grandes centros para buscar emprego e dignidade. No caso da parteira, tal ocupação aproximava-a da família à qual ela prestava o serviço. A mulher assistida por ela passava a se considerar e a ser considerada sua comadre. O bebê que a parteira ‘pegava’ já nascia afilhado da parteira que o trouxesse ao mundo.

Dona Josefa, conhecida por D. Zefinha, antiga parteira, no Distrito de Gameleira, em Mogeiro (PB), hoje com mais de 70 anos, relembra o número infundável de mulheres às quais assistiu nos partos e o número maior ainda de afilhados, uma vez que essas mulheres não costumavam dar à luz um filho unicamente. Segundo ela, enquanto ajudava a mulher a parir, rezava para Nossa Senhora do Bom Parto ajudar para tudo dar certo. Fora das atividades de parteira, somava-se a de benzedeira. D. Zefinha também rezava o mau-olhado e, nos dias atuais, quando não é mais parteira, presta serviço gratuito como rezadeira, uma das atribuições de algumas parteiras do seu tempo. Se não “lava mais menino”, por não ter mais força física, mesmo assim oferece sua proteção. A oração, também, fazia parte do ritual do nascimento.

Entregues à própria sorte, sem um médico que pudesse chamar em casos mais complicados, restavam-lhes as orações, para que Deus e N. Sra do Bom Parto ou outro(a) Santo(a) de forte devoção protegesse a todos e garantisse uma boa hora do parto. As parteiras, longe de qualquer ajuda médica, valiam-se da prática que iam adquirindo nos próprios partos que auxiliavam e igualmente da fé em Deus e nos santos de sua devoção. Durante o trabalho de parto, muitas parteiras incluíam a oração no ritual do nascimento. As parteiras, longe de qualquer ajuda médica, valiam-se da força da oração, “pegando-se com os santos” para atrair proteção para a parturiente e seu bebê.

Dona Zefinha é depositária de um saber genuinamente feminino. Ela detém a força da oração “contra o mau olhado”. É através dessa oração que ela balbucia enquanto realiza a performance da sua `rezà` que os males do corpo e do espírito se esvaem. Gesticulando em cruz com o raminho de mato verde, desenhando em volta da pessoa assistida pela oração tantas cruzeiras enquanto

dure a oração recitada em voz sussurrante, aquela mulher utiliza-se de um saber capaz de equilibrar forças, de restituir a saúde a quem se submete ao tratamento espiritual. Este saber faz parte das crenças respeitadas na comunidade de Gameleira, é comum a muitos não só na comunidade, mas inclusive na região Nordeste como um todo.

O saber da parteira medeia-se, também, pelo número de partos realizados que ela já reunia na sua história de vida. Este saber funcionaria como uma herança feminina, mas não para muitas mulheres. Ser parteira pressupunha estar disponível a qualquer hora do dia ou da noite. Doar-se como em sacerdócio. Ser parteira requisitada valia como ser meio mãe de cada um daqueles ou daquelas que nasciam amparado(a)s pelas suas mãos que a cada parto ampliavam sua experiência. Cada criança assistida seria um afilhado do coração o que fazia comadres todas as mulheres do lugar e adjacências, dependendo da fama e capacidade de trabalho da parteira porque o número de nascimentos fazia-se sempre crescente, mesmo que o número de sepultamentos de parturientes e de recém-nascidos, além de crianças no primeiro ano de vida engordasse a fila de “anjinhos” subindo para o céu e de filhos ficando órfãos de mãe.

Como Dona Zefinha que se utilizava do poder da oração para facilitar os procedimentos naturais do parto, assim também Samarica lança mão do poder da oração, neste caso comunitária, para ajudar D. Juvita na hora difícil do nascimento do seu filho. O poder da palavra dita, neste caso em voz alta, palavra pronunciada ou invocada por outras mulheres, orquestradas pelas orientações de Samarica, refletia o saber da parteira que não poderia ser usurpado. Ela era detentora de um saber próprio das mulheres. Ela tinha acesso às chaves do nascimento e por isso também sabia formas de facilitar o parto.

Luiz Gonzaga, como realizador da performance oral, retrata uma realidade do sertão do seu tempo de menino. Busca expor em detalhes o que hoje faz parte da memória do povo do Nordeste. Na sua composição, reúne informações sobre o episódio do nascimento em uma família sertaneja abastada. Recupera diálogos possíveis, personagens recorrentes, hábitos de convivência e colaboração das pessoas da região. Retoma aspectos vários que, revividos através do diálogo, expõe a memória do seu povo. Reconstrói, como diria Halbwachs (1990), aspectos da memória coletiva do povo do qual um dia fez parte.

Para melhor fazer interagir as suas personagens, apresenta-as através de alguns nomes dados na pia batismal às filhas do sertão, demonstra o seu saber

na escolha da oração a ser rezada, do santo especial a ser evocado para proteção na hora do parto. Expõe igualmente aspectos do ritual orquestrado pela parteira a partir da hora em que chega a casa onde apoiará a parturiente. Nota-se a presença maciça das mulheres. As vizinhas, as amigas, as mulheres da comunidade, todas comadres entre si, por batizarem os filhos umas das outras. Todas comadres de Samarica por terem sido ajudadas nos seus partos por aquela mesma parteira.

É apresentada a chegada da parteira e o mesmo ritual se efetua:

Samarica sartou do cavalo véi embaixo, cumprimentou o Capitão, entrou pra camarinha, vestiu o vestido verde e amarelo, padrão nacioná, amarrou a cabeça c'um pano e foi dando as instrução:

- Acende um incenso. Boa noite, D. Juvita.

- Ai, Samarica, que dô!

- É assim mermo, minha fi'a, aproveite a dô. Chama as muié dessa casa, p'a rezá a oração de São Reimundo, que esse cristão vem ao mundo nesse instante. B'a noite, cumade Tota.

- B'a noite, Samarica.

- B'a noite, cumade Gerolina

- B'a noite, cumade Toinha

- B'a noite, Samarica.

- Ba noite, cumade Zefa.

- B'a noite, Samarica.

Cada mulher presente é cumprimentada em particular pela parteira que adentra o quarto da parturiente. Samarica conhece cada uma pessoalmente. Cumprimentar e ser cumprimentada faz com que todas se sintam parte importante do grupo, participantes dos acontecimentos comunitários, como o nascimento de mais uma criança.

O texto revela etapas desde o chamado da parteira até o nascimento da criança, revelando a alegria cheia de preconceito pelo fato de a criança ser do sexo masculino, revelando a 'macheza' do Capitão, pai da criança. À mãe da criança está reservado o sofrimento e o esforço para pôr o filho no mundo e depois criá-lo dentro dos parâmetros sociais que mantêm este estado de manutenção do domínio e poder masculinos.

Era da parteira, chamada em casa, a responsabilidade também pelo ritual que envolvia a chegada de uma criança na casa. A parteira detinha um conjunto específico de saberes tão particulares que cada uma delas tinha o seu próprio estilo, a sua própria maneira de agir, de criar maneiras de facilitar, para a mãe e o bebê, o desenrolar do trabalho de parto. No entanto, era de todas as parteiras o saber do sagrado, a forma de invocar as forças do bem, de suggestionar tanto a parturiente como a todos da casa para unirem-se a ela nessa invocação.

Luiz Gonzaga registrou nos seus versos o momento da chegada da parteira na casa. Depois de saltar do cavalo, trocar de roupa, amarrar um pano na cabeça, acender um incenso, cumprimentar com 'um boa noite' a cada comadre ali presente, dá andamento ao ritual:

- Vosmecês sabe a oração de São Reimundo?.
- Nós sabe.
- Ah, sabe, né? Pois vão rezando aí já, viu?

E o contador de casos revela-se em Luiz Gonzaga em dois momentos que se completam na construção de um texto e de uma performance que mostra uma face da cultura nordestina. Este contador de histórias dá-se a conhecer no texto e na criação, com detalhes, da cena de como seria o nascimento de uma criança em algum lugar do passado, mesmo em uma família de posses, moradora desses sertões nordestinos.

Samarica 'toma as rédeas' da situação, investida do poder que lhe é conferido por todos os presentes decorrente do seu saber atrelado aos dons da sabedoria conferida por Deus. A evocação dos santos, a oração recitada durante o trabalho apoiam o ritual que é orquestrado por uma mulher, mas não é obra de uma só, mas sim de muitas. A parteira trabalhando e as outras mulheres ajudando com a força da oração. Rezar é também dar força ao trabalho. As mulheres rezam enquanto o pai da criança atende às exigências da parteira que busca em tantas coisas da natureza auxílio para facilitar a ação e garantir bons resultados. São os ingredientes do cotidiano que integram a lista de facilitadores para favorecer o nascimento rápido e saudável do bebê. Além das pessoas, tudo o que possa ajudar é bem vindo.

(vozes rezando)

- Capitão Barbiiino! Capitão Barbino tem fumo de Arapiraca?
- Me dê uma capinha pr'ela mastigar. Pegue, D. Juvita, mastigue

essa capinha de fumo e não se incomode. É do bom! Agüenta nas oração, muié! (vozes rezando) Mastiga o fumo, D. Juvita... Capitão Barbino, tem cebola de Cabrobró?
 - Ai, Samarica! Cebola não, que eu espirro.
 Pois é pra espirrar mesmo, minha fia, ajuda
 -Ui.

Um saber herdado, tido como dom, era aperfeiçoado no cotidiano, apoiado na sensibilidade diante dos efeitos das simpatias que afugentassem o fantasma da morte que rondava o berço, principalmente em regiões longínquas em que as pessoas, entregues à própria sorte, apoiavam-se umas nas outras, nos saberes que povoavam a imaginação nos efeitos práticos dos utensílios domésticos, nos efeitos medicinais das plantas, da água, dos fenômenos naturais como um todo. Principalmente as mulheres eram detentoras desses saberes, sabiam tirar maior proveito desses fatores.

A força da performance oral, a adaptação do timbre de voz a cada personagem, o ritmo e a entonação emprestados às palavras dão densidade ao momento da narração que detalha a ‘hora do parto’.

A revelação do parto em si apoia-se na descrição do ambiente na casa da parturiente. A presença de tantas mulheres revela o parto como um momento feminino por excelência. Tantas comadres para auxiliarem, o marido como bom provedor para suprir uma necessidade ou outra que a ocasião ensejasse. Além disso, todo o ritual, a orientação das ações, tudo conduzido e vivido pelas mulheres.

- Aproveite a dor, minha fi’a. Agüenta na oração, muié. (vozes rezando) mastigue o fumo, D. Juvita.
 - Capitão Babiino, bote uma faca fria na ponta do dedão dela, bote. Mastigue o fumo, D. Juvita. Agüenta nas oração, muié. (vozes rezando alto).

A oração ao santo é reforçada pelas ‘simpatias’ na intenção de facilitar o trabalho de parto. O sincretismo religioso domina a cena. Samarica domina e coordena todas as ações. Observa-se que tudo o que ela propõe é seguido à risca, revelando o respeito não por ela, mas por um saber que é de todos, que todos reconhecem na capacidade de organização desse saber por Samarica. A

parteira, orquestrando todas as ações, revela um arcabouço de memória que não é sua somente, mas de toda comunidade.

As referências às relações homem/ mulher que são expostos pela parteira revelam o pensamento corrente.

- Ai, Samarica, se eu soubesse que era assim, eu num tinha me casado com o diabo desse véi macho.

- Pois é assim merm' minha fia, vosmecê casou com o veín' pensando que ele num era de nada? Agora cumpra o seu dever, minha fia. Desde que o mundo é mundo, que a muié tem que passar por esse pedacin'. Ai que saudade! Agüenta nas oração, muié! [vozes rezando baixo]. Mastigue o fumo, D. Juvita.

- Ai que dô!

Para demonstrar masculinidade seria necessário 'fazer menino', ano após ano. A força da natureza não poderia nem deveria ser contestada. A parteira, respeitada pelo seu saber, acreditando na fatalidade da sorte feminina, orienta a mulher para a aceitação da sua condição de cumprir um dever de esposa e povoar o mundo ou dar filhos ao marido, comprovando sua macheza. A mulher deveria, através das dores do parto também realizar-se como mulher. O parto coroa o casamento e relembra os prazeres do sexo.

Na performance, mais do que no texto escrito, cria-se o contraponto entre a parteira profissional e a mulher que nela existe. A voz, com variações de entoação, empresta força às situações que o texto apresenta, a exemplo de quando revela um momento de devaneio, logo abortado pela parteira, na necessidade de auxiliar e conduzir os processos do parto a que está assistindo.

(...) Ai, que saudade!

O ritual do parto obedece a um ritmo tendo como música de fundo o coro das vozes femininas em oração, entoando a oração de São Raimundo. A tradição da oração em coro para chegar mais facilmente aos ouvidos do santo apoia-se na memória feminina que se reúne para dar força a um acontecimento arriscado e importante como um nascimento que depende do saber de uma parteira e da vontade de Deus.

Tal costume de lançar mão de orações, palavras mágicas e aconselhamentos hoje considerados bizarros como simpatias as mais variadas é uma herança

que nos vem de um Brasil Colônia, costumes herdados dos antepassados, em um tempo em que não só as parturientes, mas toda a população estaria entregue à própria sorte em termos de acompanhamento médico. De acordo com Del Priore (1997, p. 309), entre outras orientações, as parturientes “deviam usar saquinhos com orações aos santos protetores, filactérios e bentinhos”. Essa memória das coisas sagradas que deveriam acompanhar o parto é atribuída às mulheres, principais agentes nesses casos em que mesmo os médicos delegavam às parteiras o ofício de ajudar outras mulheres a darem à luz seus filhos.

Segundo Halbwachs(1990), a memória não se estabelece a partir de lembranças isoladas. A memória das coisas é resultado de uma dinâmica de fatos que entre claramente lembrados e ou escondidos nos desvãos da nossa memória vão compondo as nossas reminiscências, vão moldando a nossa memória dos fatos, das coisas, das pessoas. O particular e o comunitário se unem na composição do que registramos como nosso arcabouço de memória.

A parteira metaforiza a coragem de apoiar a vida e de enfrentar a morte que se envolvem na hora do nascimento. A sua importância como personagem da história e da vida está na confiança que ela e toda a sua comunidade depositam no seu saber aliado à confiança na providência divina. A sua força também emana da confiança que lhe é depositada pelo grupo de mulheres às quais presta serviço e das quais recebe apoio.

-Agüenta nas oração, muié. [vozes rezando] Mastiga o fumo, D. Juvita... Capitão Barbino, tem cebola do Cabrobó??

- Ai, Samarica! Cebola não, que eu espirro.

- Pois é pra espirrar mesmo minha fi'a, ajuda.

- Ui.

Aproveite a dor, minha fi'a. Agüenta nas oração, muié. [vozes rezando] Mastigue o fumo, D. Juvita.

-Capitão Barbiiino, bote uma faca fria na ponta do dedão dela, bote. Mastigue o fumo, D. Juvita

(...)

- Ai que dô!

- Aproveite a dô, minha fi'a. Dê uma garrafa pr'ela sopra, dê.

Ô, muié, hein? Essa é a oração de S. Reimundo, mermo?

- É... é [muitas vozes].

Os saberes da parteira incluem principalmente as simpatias, as rezas fortes, as formas engenhosas, a criatividade para colaborar na possibilidade de facilitar o trabalho de parto e garantir o sucesso do nascimento de uma criança saudável. Quando ninguém sabe como se conduzir para colaborar com a parturiente, é a parteira que deve resolver a questão e escolher um caminho dos mais seguros: a invocação ao poder místico da oração, nem que busque a sintonia de Deus e do Diabo.

- Vosmecês num sabe outra oração?
- Nós num sabe... [muitas vezes].
- Uma oração mais forte que essa, vocês num têm?
- Tem não, tem não, (...) [muitas vezes]
- Pois deixe comigo, eu vou rezar uma oração aqui, que se ele num nascer, ele num tá nem cum diabo de num nascer: "Sant'Antoin pequenino, mansadô de burro brabo, fazei nascer esse menino, com mil e seiscentos diabo!

O fato de o recém-nascido ser do sexo masculino dá mais força ao pai que, seguindo a tradição, confere o sexo da criança, ouve o choro e, para comemorar, dá um tiro de bacamarte "de lascar o cano" da arma para comemorar e fazer ciente a vizinhança. A cachacinha para comemorar faz parte do universo masculino. O filho chora com força como sinal de saúde. O pai festeja a chegada do menino. Está garantida a sua continuidade, a sucessão. O recém-nascido recebe o nome de Bastião. Nome de santo para garantir a proteção. E surge uma dúvida: estará garantida a herança do poder de mando que emana do homem, Capitão, que é seu pai? Estará mantida a supremacia masculina ou os saberes femininos darão sempre a tônica de um poder oculto que mesmo tendo força, colabora com a sustentação de um status quo": o poder de mando masculino?

Referências

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. (Biblioteca Vértice. Sociologia e Política).

DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.) **História da Vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 275- 330. (História da Vida Privada no Brasil – 1)

SAMARICA PARTEIRA. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br/menu_letras.html> Acesso em: 7 jan. 2007.